

EDIÇÃO BRASILENSE

# NOVAÇÃO

Parnaíba, (PI.) abril-junho de 1986  
Ano 9

ÓRGÃO DO MOVIMENTO SOCIAL E CULTURAL INOVAÇÃO

Preço: Cz\$ 5,00  
N.º 58

## O parnaibano não tem o espírito de luta que os jornais dizem ter

ENTREVISTA: João Maria Madeira Basto  
Páginas 5 a 8

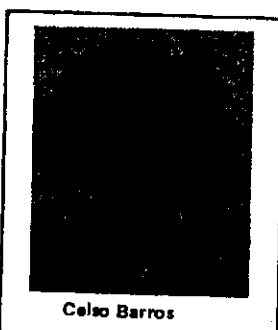


Foto: Paulo Basto

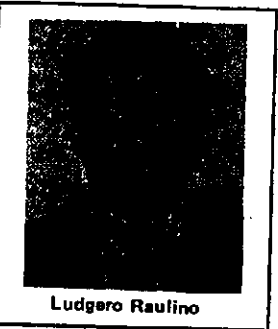
Carvalho, Cícero, Ana Alice, Cândida, Jonas, Madeira Basto, Reginaldo, Ivans, Rinaldo, Ernesto Magalhães, entre outros participaram desta edição.

### POR QUE NÃO VOTAR NOS BANDIDINHOS

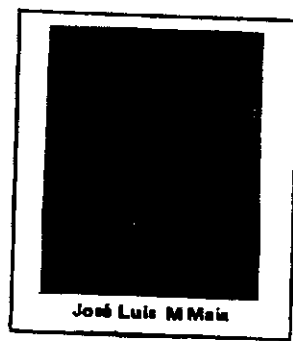
As figurinhas ao lado não merecem o menor respeito dos eleitores nem do povo piauiense. Não vamos esquecê-los nestas eleições, ou seja, não vamos sufragá-los nas urnas. Não precisa pô-los em seu álbum de recordações, deixem mesmo no álbum dos bandidinhos que votaram contra a emenda das diretas e que, agora andam de porta em porta mendigando o voto popular para se reelegerem e, na Constituinte, votarem contra os projetos de interesse nacional e do povo brasileiro.



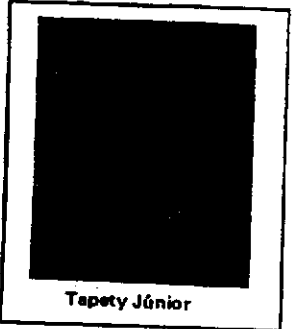
Celso Barros



Ludgero Raulino



João Luis M Maia



Tapety Júnior



# INOVAÇÃO

"Tribuna de Defesa das Causas Populares"

## CONSELHO EDITORIAL

Reginaldo Costa, Danilo Melo, Vera Lúcia, Sólina Genuína, Meirales Neto, Wilton Porto, Rosário de Fátima, José Fideles

## GRUPOS DE APOIO

### Teresina

Elmar Carvalho, Olavo Rebelo, Batista Teles, Ben-Hur Sampaio, Pedro Felipe da S. Macedo.

### Brasília

Jonas Filho F. de Carvalho, José Porfírio de Carvalho, João Maria Madeira Basto, Cícero Vêras, Rinaldo Nascimento, Francisco das Chagas, Cândide Sampaio, Menezes Y Moraes, Anand Rao, Sônia Castro Alves.

### Fortaleza

Roberto Barros, Gaudêncio Leal, José da Guia, Lúcia Dias, Mara Lee, Neucilene.

## COLABORADORES

Frãncisco Fontenele de Carvalho, Diderot Mavignier, Karleno Márcio, Fernando Holanda, Morlando Araújo, Depaula, Mário Carvalho, Régia Araújo, Nara Sampaio, Paixão Coutinho, Kafka.

## JORNALISTA RESPONSÁVEL

Ernesto Magalhães

Reg. 1222/07/54/DRT - DF

## COMPOSIÇÃO

Gerson de Sousa Filho

## DIAGRAMAÇÃO E ARTE

Reginaldo Costa, Francélio

## TIRAGEM

2.000 exemplares

INOVAÇÃO foi fundada em 1977 por Francisco José Ribeiro e Reginaldo Costa. Inscrição Estadual 19.077.587,4 CGC 06.859.607/000-08. As matérias assinadas não representam, necessariamente, a opinião do jornal.

## REDAÇÃO

Rua Dr. Francisco Correia, 314 s/6

## CARTAS

Caixa Postal 156  
64.200 - Parnaíba, PI

## EXPRESSO DE LUXO

Transportes e Turismo

Av. José Bastos, 813

Otávio Bonfim

Fortaleza, CE

## DELTA

LEITE  
MANTEIGA  
DOCE DE LEITE



Cooperativa Agropecuária  
de Parnaíba Ltda. BR 343 - Km 4

## Parnauto

HONDA

Revendedor  
Autorizado



Av. Princesa Isabel, 150  
PARNAÍBA PIAUÍ

## A Palavra do Leitor

### HUGO NAPOLEÃO x IRREGULARIDADES

Estamos colaborando com um jornalzinho local - "Filho da Terra" - e lembrei de vocês, de restabelecer os contatos e renovar minha assinatura do INOVAÇÃO. Vi através da revista VEJA a notícia das denúncias de irregularidades de compra e venda de terras aí no Piauí patrocinadas pelo governador Hugo Napoleão.

Helfosa Gurgel  
Ubajara, CE

### INTERCÂMBIO

Enfim estou escrevendo. Gostaria de participar do INOVAÇÃO não apenas como leitora, mas colaborando com alguns artigos principalmente relacionados à questão da terra e a ação dos poderosos contra os pobres.

INOVAÇÃO poderia prestar excelentes serviços ao povo de Fortaleza como Instrumento de contra informação, já que os meios oficiais têm o objetivo tão somente de destruir e distorcer a verdade.

Zlta Rocha  
Fortaleza, CE

### N.º 57 - BATISTA SILVA

Venho de receber INOVAÇÃO, vibrante e destemido, como sempre, cujo envio (assim como o dos números anteriores) agradeço. O meu caloroso aplauso. A propósito dessa luta, desse contínuo terço de armas em prol da libertação do povo, ocorre-me a profunda verdade contida na exortação do velho índio de "I-Juca Pirama": "A Vida é combate/ que os fracos abate/ os bravos, os fortes/só pode exaltar". E vocês têm sido bravos, têm sido fortes, e como!

Soube do falecimento do Batista Silva, veiculado inclusive por "Folha do Litoral", que ele também fundou. Apesar de não ignorar as distâncias de pensamento que o separa de vocês, fruto, evidentemente, de discordâncias quanto à sua atuação como homem público, permito-me registrar a admiração pela coragem com que ele, nos idos de 1950, fundou o "Sumário".

Aquele jornalzinho (pelo tamanho e pelos recursos materiais, apenas), então voltado para a defesa dos interesses populares, foi, ao seu tempo, o que é INOVAÇÃO hoje e, como este, foi alvo de discriminações de toda ordem, o que não o impediu de circular por bastante tempo. Daquela batalha, formada de muitas pequenas batalhas, fui testemunha integrada, pois, com o Sérgio e o Batista, a ela estive presente.

A própria evolução da vida, porém, determinou o fim daquele bonito sonho, que ora se repete - como em "Limelight", de Chaplin: "O Ideal que nos acalentou... 'renasceu'... em outros corações.

João Maria M. Basto  
Brasília, DF

### ÁFRICA DO SUL

Estamos envolvidos recentemente com o sofrimento do povo da África do Sul e deveremos realizar uma grande movimentação em frente a Embaixada da A.S. aqui no Rio. Temos também uma ligação com o Partido Verde e várias entidades ligadas ao movimento negro do Rio de Janeiro.

Pelo que pude deduzir da mensagem do editor deste jornal a este Comitê, vocês fazem parte dessa "tribo" especial de "Dom Quixotes" da qual nos orgulhamos de também pertencer. Parabéns pelo trabalho de vocês e votos para que esta bandeira continue cada vez mais desfraldada.

Cássio Seixas  
Rio de Janeiro, RJ

### EDUCAÇÃO x MOVIMENTO ESTUDANTIL

Como sempre, INOVAÇÃO continua se reportando a coisas que interessam ao povo piauiense. Sobre a carta do leitor Roberto Luis, publicada sob forma de encarte na edição anterior, quero dizer-lhes que a professora Oswanilde Aranha é nos conhecida, pois "passei" por suas mãos. Concordo com o adjetivo "Incompetente", utilizado para caracterizá-la. Por outro lado, quero citar um caso ocorrido em 1981 no Colégio Estadual Lima Rebelo. Na época das eleições estudantis para o Grêmio deste educandário uma das chapas era encabezada por Tércio Júnior, com apoio de 99% de alunado e mais ou menos 70% dos professores. Como o professor Alexandre Oliveira não gostava do rapaz, resolveu boicotá-lo. Foi em todas as salas de aula e pediu que não se votasse em Tércio, por se tratar de um bagunceiro. Ao procurar satisfação com o diretor, o "entendimento" terminou na maior confusão e numa ameaça do professor Alexandre de pô-lo fora do colégio. Não conseguiu graças a atuação de um advogado. O caso do Roberto Luis é apenas um a mais na vida do professor Alexandre Oliveira. EM TEMPO: Naquela época o Tércio venceu a eleição mas não tomou posse.

Cícero Vêras  
Brasília, DF

### BIBLIOTECA - DOAÇÕES

Reconhecendo a importância da biblioteca para formação e amadurecimento intelectual de seus usuários, parabenizo o Movimento Social e Cultural Inovação pela iniciativa, ao mesmo tempo em que aguardo oportunidade para enviar material no sentido de ampliar o acervo da mesma.

Ana Amélia G. Pedroza  
Teresina, PI

### ELEIÇÕES NAS ESCOLAS

Os últimos jornais estão ótimos! Continuem lutando por este ideal. Sinto bastante tê-los abandonado; nesta luta, felizmente novas pessoas surgiram e observase: são lindas e competentes.

Vocês poderiam aproveitar o jornal para alertar todos que estejam vinculados à educação sobre a necessidade de eleições diretas para diretores das colégios de Parnaíba. Vamos exigir isso!

Ana Alice Oliveira  
Cidade Ocidental, GO

### JUSTIÇA SOCIAL

Espero que o povo parnaibano saiba compreender a responsabilidade de vocês em torno da verdade e do bem.

Margô Farias Lopes  
Rio de Janeiro, RJ

### ADMIRADORAS

Embora de longe sou das maiores e entusiasmadas leitoras do INOVAÇÃO. Admiro o trabalho de vocês. Tenho certeza que esta luta será recompensada.

Maria de J. G. da Silva  
São Paulo, SP

Parabéns a toda equipe. A cada edição estão melhorando a qualidade dos artigos e reportagens.

Amparo Oliveira  
São Paulo, SP

Vocês são pessoas maravilhosas e estão de parabéns. Espero que continuem fazendo do INOVAÇÃO um meio de comunicação com base na verdade.

Ana Maria Carneiro  
Fortaleza, CE

EDITORIAL

Edição  
brasiliense

Desde quando surgimos, tentativa nova de espanar o bolor instalado no campo das idéias, em Parnaíba, duas decisões já tínhamos tomado: a de buscar, sempre o aperfeiçoamento, como antídoto para a estagnação, que é morte; a de reconhecer integral verdade no brocardo de que "Não envelhece quem está sempre criando idéias novas".

É-foi por isso que, ao longo de nossa existência, e enquanto divulgávamos o nosso pensamento, cuidávamos de dar o exemplo de ação, também de acordo com a definição de que vale mais fazer do que falar.

Em tal ordem de raciocínio, já em nossa edição de nº 46, datada de 30 de novembro de 1983,

passávamos a nos apresentar em "off set", desbravando caminho até então (e ainda hoje) inexplorado na imprensa parnaibana.

Estávamos, na época, em nosso sétimo ano de circulação, e a estrada percorrida, embora eivada de cardos, apresentara, aqui e ali, flores a quebrar a aridez e a solama predominantes.

Não ficaríamos naquilo, porém, como não ficamos: comparemos, hoje, com uma edição rodada em Brasília (fato novo, não há que negar) e redigida por parnaibanos que fizeram da cidade-sonho de JK a sua segunda terra, ao passarem a nela residir.

Retomamos, como se vê, o trabalho de Bandeirantes (evidentemente sem as conotações desumanas de que, ao longo da História, tal empreendimento se revestiu), pisando novamente chão virgem, demonstrando o quanto pode a determinação de não quedar-se acomodado, apenas vendo a vida passar.

Essa inovação (sem trocadilho), além do teor de pioneirismo que lhe é implícito, carrega no bojo o aspecto democrático de propiciar, a alguns dos nossos conterrâneos vivendo na Capital Federal, a oportunidade de terem as idéias publicadas em órgão da sua terra, coisa que nem todos haviam conseguido, e foi muito bem aproveitada, como se verá.

Para terminar, um aviso aos navegantes: não se esgotam, aqui, nossos planos de renovação, nem os conceitos que temos de jornalismo novo e atuante, tanto assim que reafirmamos a determinação de continuar buscando formas novas de cumprir o compromisso assumido espontaneamente para com o povo, o único que temos.

A COVA COMO PARTE DO LATIFÚNDIO

Ernesto Magalhães



Dante de Oliveira sem condições de tocar a Reforma Agrária por falta de compromisso do governo Sarney com o povo.

"Esta cova em que estás... É a terra que queres bem dividida." Os versos do poeta Chico Buarque ressoam novamente no Planalto Central. Uma rádio anuncia a substituição no campo do governo federal, no Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrário: sai Nelson Ribeiro, entra Dante de Oliveira. Aberta a ferida que une a Igreja ao poder político. Enquanto isso, em outra localidade, precisamente no norte de Goiás, na região conhecida como Bico do Papagaio, os fazendeiros se armam, matam e afirmam efusivamente: "nas nossas terras, quem faz reforma somos nós".

Segundo a Comissão Pastoral da Terra, nas últimas duas décadas o número de vítimas devido a falta da Reforma Agrária no Brasil, chega a ser alarmante. Por último, com o fato de o governo prometer (e até agora não cumpriu) fazer reinar a paz na zona rural brasileira com a aplicação do Plano Nacional de Reforma Agrária, esta cifra chega a ser inadmissível, insuportável.

Há dias, o ex-ministro da Justiça, Fernando Lyra foi categórico ao afirmar que não via possibilidade da Reforma Agrária ser implantada no governo do presidente Sarney. Para o parlamentar pernambucano, a administração Sarney não tem condições para cumprir uma realidade, e quem ganharia mais com isso seria o governador do Rio, Leonel Brizola.

A realidade, no entanto, é que, a partir do momento em que sair do campo dos gabinetes e venha a se inserir no campo propriamente dito, a Reforma Agrária terá condições de se tornar viável.

Dante de Oliveira aceitou a pasta do MIRAD apenas por estar em franca decadência política em seu Estado, Mato Grosso, por motivos particulares usufruídos no sentido de deteriorar sua imagem (de Dante) frente a opinião pública. De outra forma, o ministro Nelson Ribeiro deixou seu ministério por achar que a Reforma Agrária tem que ter um tratamento especial, ou seja, deve ser implantado em sua plenitude. Dante assume, mas não assume nem tampouco governa. Não escolheu o presidente do INCRA enfim, será apenas um retrato nas paredes do edifício onde funciona seu ministério.

A Igreja teve e tem (sempre terá) papel fundamental na política de Reforma Agrária. Perdeu Nelson Ribeiro e terá que reestruturar seu programa de ação junto aos coordenadores da Reforma no campo, caso contrário, a crise, instalada em meados de maio não terá tempo para findar e será de precedentes nunca antes vistos na história republicana e da Igreja Católica no Brasil.

Sarney quer implantar a Reforma Agrária a seu modo, melhor dizendo, da forma que alguns dos seus assessores — conservadores — assim decidirem.

Resta, enquanto durar o pensamento retrógrado dentro da máquina do governo federal de querer promover a paz no campo, lenta, gradual e restrita, cantar a moda de Chico Buarque aos lavradores famintos que morrem à beira do latifúndio: "Esta cova que estás com palmas medida; É a terra que queres ver dividida... É a parte que te cabe neste latifúndio".

# O Brasil está doente

Menezes y Moraes

Do Oiapoque ao Chui, o Brasil está doente. Quem dá este diagnóstico são os dados estatísticos sobre saúde pública no País, fornecidos pelo Ministério da Saúde, Sindicato de Médicos e Outras entidades públicas e privadas. As causas das doenças são as mais variadas. Mas todas, porém, encontram no fator econômico e na ausência de uma política preventiva de saúde, o ponto de convergência em comum. Desta forma, temos as chamadas "doenças modernas" e as "doenças da pobreza".

Entre as "doenças modernas", os brasileiros economicamente ativos são levados diariamente aos hospitais, ambulatórios e postos de saúde, acometidos de distúrbio cardio-vascular, neoplasias, doenças profissionais, acidentes de trabalho, de trânsito, violência, doenças mentais. E as "doenças da pobreza" também não ficam atrás, numa classificação endêmica que vai desde a desnutrição — existe uma média de 40 a 50 mil desnutridos no País — à doença de chagas — que atinge entre oito a 12 milhões de pessoas — esquistossomose — presente entre seis a oito milhões de cidadãos — e a malária. Esta última registra uma média anual de 150 mil casos diagnosticados.

Os dados sobre a saúde, no entanto, não param por aqui. Ocorrem ainda uma média de 100 mil casos anuais de doenças evitáveis por imunização e de modo geral não estão atendidos os problemas mais simples, que correspondem aproximadamente a 80 por cento daquilo que os médicos chamam de "demanda global". Neste aspecto, os especialistas em saúde pública não pensam duas vezes: classificam esses dados de "disparidades" que refletem o modelo econômico brasileiro, que, mesmo com o plano Cruzado, ainda continua concentrador e excludente.

Por exemplo: mais de 40 milhões de brasileiros — segundo dados da Comissão de Saúde da Câmara dos Deputados, em Brasília — encontram-se excluídos do acesso ao serviço de saúde. A parcela da população que utiliza os serviços sofre o impacto de um modelo econômico e social que privilegia as ações de caráter curativo, em detrimento das medidas de saúde coletiva. As ações voltadas ao controle do meio ambiente, ao combate aos vetores de doenças transmissíveis, à melhoria das condições nos ambientes de trabalho, são sistematicamente negligenciadas.

A negligência não ocorre por falta de legislação. No Brasil, a Lei de n. 6.229 formaliza o Sistema Nacional de Saúde e promove a competição por verbas para as instituições que o compõem. Somente na área federal, existem cinco Ministérios — Previdência e Assistência Social; Saúde; Educação; Trabalho e Ministério do Interior — todos sob a hegemonia do Ministério da Previdência e Assistência Social que, através do INAMPS, direciona a ampliação dos recursos arrecadados compulsoriamente dos trabalhadores e comunidade em geral, para a manutenção de um modelo de alto custo e de reduzida ineficácia.

Mesmo assim, o dinheiro empregado pela União, Estados e Municípios, no setor de saúde pública, ainda é pouco. Os gastos nesta área representam cerca de 5,6 por cento do PIB — Produto Interno Bruto dos recursos públicos que cobrem a metade de seus gastos como um todo. Dados da Comissão de Saúde da Câmara dos Deputados revelam ainda que a participação da saúde no orçamento da União caiu 3,65 por cento em 1964, para 1,48 por cento em 1984.

As despesas públicas federais neste setor decresceram em termos reais 25 por cento no período de 1980/83, e mesmo assim, estas recursos não são destinados às áreas prioritárias. São gastos 84 por cento em atendimento médico-hospitalar. Três por cento são alocados aos serviços básicos de saúde e pouco mais de dois por cento ao controle das doenças transmissíveis.

Quanto ao setor privado, os dados da Comissão de Saúde da Câmara revelam

que o fluxo de recursos para esta área decorre das formas de concentração e de credenciamento de serviços, correspondentes a 65 por cento dos gastos do INAMPS. Este setor produz cerca de 50 por cento das consultas médicas, 70 por cento das consultas odontológicas e 90 por cento das internações destinadas à clientela previdenciária. Isto tudo sem falar noutro agravante, a desigualdade na distribuição de verbas entre as diversas regiões do País. Os gastos "per capita" com saúde na região Nordeste equivalem menos da metade dos gastos "per capita" nas regiões Sul e Sudeste. E os gastos do INAMPS na área rural equivalem a 1/7 dos gastos na área urbana, embora a população rural corresponda a pouco mais de 1/3 da população urbana.

Com esta gurrinha particular de números e cifras, mais a falta de condições sanitárias e a questão econômica em geral, o Brasil é hoje um campeão de doenças na América Latina. A mortalidade geral em países latinos americanos, como a Venezuela, Chile e a Argentina, por exemplo, corresponde a 40 por cento inferior à mortalidade geral registrada no Brasil, onde a mortalidade infantil é 90% superior à registrada na Argentina e 19 por cento na Costa Rica.

A julgar por estes dados estimativos comparativos — revelados pelo Grupo de Trabalho Parlamentar de Saúde do PMDB, no final de 1985 — o Brasil poderá registrar 300 mil mortes anuais no setor infantil. O que é um verdadeiro holocausto a uma antevisão realista, comparada à realidade presente. Hoje, hum milhão de brasileiros sofre de tuberculose. E existe, por outro lado, uma diferença de até 30 anos de vida entre as esperanças de vida ao nascer de um nordestino mais pobre e um sulista mais rico. Isto porque, no Nordeste, as condições sanitárias são piores do que em qualquer outra região do país. Segundo o censo de 1980, cerca de 50 por cento dos domicílios brasileiros estão inteiramente excluídos do sistema de saneamento básico. Existem 14,5 milhões de unidades habitacionais na área urbana, dos quais 48,7 por cento possuem instalações adequadas de água, esgoto ou material de construção rústico. Admitem as autoridades sanitárias que nas áreas endêmicas da doença de Chagas, existem cerca de um milhão de domicílios em situação precária, sensíveis à proliferação e transmissão da doença.

Adoecer no Brasil, porém, não é "privilegio" apenas da gente adulta. A Unicef — Fundo das Nações Unidas para a Infância — calcula que até o ano 2.000, se persistirem os esforços atuais do governo da Nova República, através do setor de saúde pública, a taxa média de mortalidade anual deverá cair para 54 mil. A Organização Mundial de Saúde estabelece o limite de 50 mil mortes de crianças por ano. No entanto, apenas nos próximos 15 anos, morrerão cerca de 4,6 milhões de crianças num país que tem hoje oficialmente 130 milhões de pessoas. Do total de 4,6 milhões de mortos infantis, a Unicef antevê uma média de 3 milhões registradas entre as crianças menores de um ano, metade dos quais morrerá antes de completar 30 dias de vida.

Há quatro anos — não existem dados mais atualizados, segundo informações oficiais de fontes do Ministério da Saúde — a taxa de mortalidade infantil, no Nordeste, era igual à dos países mais pobres do mundo: morriam cerca de 153 mil crianças por ano. Dado gravíssimo, principalmente quando se constata que, no Nordeste, cerca de 30 por cento da população brasileira é a responsável pela metade dos registros de óbitos do País, que corresponde — pasmem! — a 20 por cento do número de mortes registradas em toda a América Latina. Só para se ter uma idéia, em 1982 a taxa de mortalidade infantil registrada em São Paulo era da ordem de 68 mil, enquanto, no Nordeste dos coronéis, do latifúndio — mas também da esperança da modernização — morriam 132 mil crianças.

**SORREGÍ MODAS**  
Indústria e Comércio  
**A PASSARELA DA ELEGÂNCIA**  
PINTURA EM TECIDO  
Av. Presidente Getulio Vargas, 217



praia  
Sem Brahma,  
não dá!



COLEGIO BATISTA  
SANTOS DUMONT

Rua Vicente Leite, 1489  
Aldeota Fortaleza - Ceará

**MOURA**  
Av. Princ. Izabel, 357 - Tel.: 322.1398

CANTINHO DO LANCHE

R. Alm. Gervásio Sampaio, 684  
Pato aos sábados  
Caldo, Refrescos, Sanduiches

DEPÓSITO DE MADEIRA

Táboas de andiroba — portas lisas e  
almofadadas — compensados — madei-  
rite.

R. Cel. José Narciso, 1208  
Fones: 322.1854  
322.1844

**Ditador da Moda**

Gerardo Alves de Araújo e Cia. Ltda.  
MODAS — BIJOUTERIAS  
PERFUMARIA — CALÇADOS  
Calçadão da Marechal Deodoro

Entrevista: João Maria Madeira Basto

# O parnaibano não tem o espírito de luta que os jornais dizem ter

Por Reginaldo Costa

Participação: Jonas Filho, Porffrio F. de Carvalho e Cícero Veras.

"Os prefeitos que conheci sempre foram de gente da elite ou lá colocados por ela".

"Resolvemos, então, criar um jornalzinho pra baixar o pau".

"Se o deputado foi contra as diretas-já, antes de darmos o voto para ele deveríamos pensar um pouco".

"Acho que o corpo da gente, por ser uno, não comporta o uso do bisturi. E a cirurgia é um traumatismo".



Consciente da falta de registros históricos sobre a Parnaíba, visto que pouco ou quase nada se tem para ler sobre o passado no tocante à história do nosso povo, voltamos nossa preocupação em procurar as pessoas que hoje encarnam nosso passado recente para que não caíamos no erro das gerações passadas que não procuraram guardar os registros históricos que pudessem orientar nossa geração.

Ressalte-se o flagrante descaso das autoridades municipais que não procuraram e não procuram ainda hoje preservar o acervo histórico-cultural da Parnaíba. Vão desprezando e destruindo, quando não, deixando no esquecimento tudo que se produz. Prova maior é o abandono da biblioteca municipal e a falta de um arquivo próprio dos jornais editados na cidade e dos que marcaram época.

Sentindo esse espaço vazio, Alcenor Candeira Filho escreveu um ensaio literário sobre jornais parnaibanos alternativos editados na época da ditadura militar que será publicado na próxima edição do "Almanaque da Parnaíba", contando a vida e a resistência desses jornais, que mesmo sob o manto negro da ditadura, não calaram sua voz, procurando refletir o grande espelho da sociedade e sua imagem distorcida escondida pelos grandes veículos de comunicação social.

Seguindo uma diretriz do jornal INOVAÇÃO, e aproveitando a vinda de seu editor Reginaldo Costa a Brasília, entrevistamos nosso conterrâneo João Maria Madeira Basto que, em passado recente colaborou na fundação dos jornais "Sumário" e "Folha do Litoral".

Hoje, pouco tempo depois, quase ninguém em Parnaíba sabe quem é ou quem foi Madeira Basto, assim como quase ninguém sequer ouviu falar do jornal "Sumário".

Cumpre o jornal INOVAÇÃO nesse número, e muito bem, seu papel de resgatar um pouco da história recente, entrevistando essa pessoa de alto valor humano e que, para nosso prazer, passa a ser um dos nossos colaboradores.

Faltam muitos que, como o Sr. Madeira Basto, têm algo a contar sobre a história de nossa gente e através de seus relatos podem trazer à tona registros importantes que marcaram nossa História.

Entre outros, sentimos-nos no dever de citar, especialmente, uma pessoa que respeitamos pela sua coerência de luta em favor do povo, que se chama Mário Carvalho, contemporâneo do nosso entrevistado e referenciado como um dos que trazem em sua memória, a história da Parnaíba. Não podemos nos esquecer do valor dessas pessoas sob pena de repetirmos a história, e a repetição é sempre maléfica, assim nos ensina a própria história.

Jonas Filho

**INOVAÇÃO** — Como surgiu, naquela época, a idéia de se criar um jornalismo que traduzisse, a realidade de então?

**JMMB** — Não sei se houve propósito determinado. Acho que decorreu, mais, do entusiasmo de um grupo: O Batista, o Sérgio Oliveira, o Miguel Nascimento e eu. Parnaíba já era, naquele tempo, cheia de mazelas: a velha história do posso, quero e mando, então não se discute nada. Resolvemos então criar um jornalzinho para baixar o pau naquele pessoal. Era o Inovação da época. A criação foi do Batista e os demais o auxiliavam. Criou-se o "Sumário". O título foi sugerido por mim, porque tinha de ser um negócio pequeno, resumido. A gente baixava o pau objetivamente, não perdia tempo. A vida dele não foi muito longa e na época enfrentamos muitas dificuldades, como está acontecendo com vocês, de "Inovação". Alguns se opunham diretamente, tinham coragem; outros, por trás. Sonegavam anúncio, não davam nenhuma publicidade para a gente, não compravam o Jornal. De modo que era um negócio muito amador, feito assim mais para externar o nosso pensamento, não tinha praticamente finalidade comercial. Com o correr do tempo, fomos ganhando adeptos, como vocês têm ganhado, mas no começo ninguém queria saber e até a gente ficou marginalizado, como acredito que tenha acontecido com vocês. Quem era do "Sumário", quem gostava do "Sumário", naquele tempo, era "comunista", tal como acho que muita gente pensa de vocês. Naquele tempo, era a tal história: o sujeito era fascista ou comunista. Ou era de direita ou de esquerda. Então, nós éramos tidos como "comunistas", se bem que esse conceito não vingava muito porque o Batista

não tinha nada de comunista, evidentemente. Com aquelas idéias novas a gente levou o Jornal por um certo tempo. Nosso alvo preferido era a Rádio Educadora, recém-fundada, mas que desde logo optou pela direita. Ela era diretista terrível, só tratava dos "coronéis".

**INOVAÇÃO** — Você lembra quem era o Presidente da Rádio Educadora?

**JMMB** — Acho que era o Alderico Miranda, um homem honesto e que, tempos depois, veio a ficar meu amigo. Outro foi o Ranulpho Torres Raposo. Tudo gente da direita. Aliás, quem teve a idéia da fundação da Rádio foi o Alcenor Neves Madeira, que era técnico em eletrônica. Acho que depois perdeu o controle dela, que passou às mãos do pessoal da Associação Comercial de Parnaíba, se não me engano. Parece-me que também o Acrísio Furtado e o Dr. Cândido Athaide foram presidentes. Todos tinham, além daquele traço de direita a um-los, o de serem pessoas da elite da terra. O negócio passou a outras mãos, mas sempre de gente daquela área. Não me lembro de nenhum Diretor ligado ao povo, de maneira que a programação da Rádio teria de ter esse caráter, mesmo.

**INOVAÇÃO** — A "Folha do Litoral" foi uma tentativa de substituir a antiga "Gazeta"?

**JMMB** — Tenho a impressão de que não. A "Folha do Litoral", foi criada também pelo Batista. Na verdade, dela participei, no começo. Naquele tempo, como hoje, não gostava eu de política e disse para o Batista: no momento em que você tentar usar a "Folha" para fins políticos, não mais colabore com você. Realmente aconteceu isso. Ele fez propaganda da candidatura do Darcy Araújo, que havia sido, aliás, meu professor, e era meu amigo. Mesmo assim, afastei-me. Acho que a "Folha do Litoral" foi criada para substituir o "Sumário".

**INOVAÇÃO** — Você lembra que nesse período a "Gazeta" fechou?

**JMMB** — A "Gazeta do Piauí"?

**INOVAÇÃO** — A "Gazeta" de Parnaíba, que era um condomínio chefiado pelo Alcenor Candeira.

# O nível das coisas em Parnaíba é sempre o mesmo, a mesma pequenez em tudo

**JMMB** — Não tenho lembrança desse Jornal. Talvez tenha sido da época em que estive fora de Parnaíba, entre 1948 e 1951.

**INOVAÇÃO** — A "Gazeta" foi mais longe. Inclusive o parque gráfico, as máquinas e alguns funcionários passaram para a "Folha do Litoral".

**JMMB** — Lembro de que, realmente, o Alceonor Candeira participou de jornais de Parnaíba.

**INOVAÇÃO** — Você lembra de um jornal-mural que ficava ali na esquina do bar do Gago?

**JMMB** — Lembro. Esse eu vi algumas vezes.

**INOVAÇÃO** — Parnaíba é uma cidade tida e havida como sem história, ou seja, seu passado é desconhecido pela juventude. Como vê a situação dos jovens que desconhecem o passado do seu povo?

**JMMB** — Meus filhos, por exemplo, pouco conhecem da realidade de Parnaíba. De vez em quando, eu conto alguma história a respeito, mas eles a tomam como folclore e dizem logo: — Ih, começou a sessão nostálgica. Eu, aliás, escrevi para "Folha do Litoral" e para "A Libertação" artigos chamando a atenção para esse ponto, inclusive me referindo a matéria produzida pelo Elmar Carvalho. Escrevi para o Batista Leão e para o Rubem Freitas, sugerindo convidassem pessoas mais antigas de Parnaíba, como, por exemplo, o Acrísio Furtado, o Mário Carvalho, o Oscar Vaz, para que escrevessem ou gravassem o seu depoimento, mas ninguém me deu resposta. Enviei carta ao José Pinheiro, que igualmente guardou silêncio. A este, infelizmente falecido recentemente, sugeri a formação de uma espécie de Museu da Imagem e do Som existente no Rio de Janeiro, o que permitiria que, amanhã se possa saber muita coisa sobre Parnaíba. Um depoimento, por exemplo, do Mário Carvalho, será de enorme importância, em face do profundo conhecimento dele sobre a vida de nossa cidade, como pela seriedade e honestidade de do que disser, o que, evidentemente, também ocorrerá com os depoimentos dos outros dois citados por mim, antes. Dele, aliás, tenho preciosos relatos sobre o futebol parnaibano, sobre o qual espero escrever, um dia — quem sabe?

**INOVAÇÃO** — Esse vazio cultural, a falta de conhecimento das pessoas em relação ao seu passado, você vincula à decadência econômica da cidade ou haveria outros fatores?

**JMMB** — Creio que não. O parnaibano é uma pessoa muito conformada, de modo geral. Não tem o verdadeiro espírito de luta apreendido nos jornais, tanto que coisas importantes que existiam em Parnaíba foram sendo retiradas pouco a pouco e os protestos foram muito débeis, tanto que não conseguiram impedir aquilo. Tal debilidade, aliás, acho que corre por conta da falta de apoio político de quem devia dá-lo, numa hora assim. Os raros movimentos mais fortes, como aquele que o Mário Carvalho chefiou — caso da venda a particulares do hoje "Estádio Petronílio Portela" — partiram mesmo do povo e atingiram a meta desejada. Os que, pela sua posição econômico-financeira, bem podiam gritar, encastelam-se em constringedores e definidores silêncios, lamentavelmente. Com relação ao "Petronílio Portela", tenho para mim que, doando-o ao Parnaíba (o clube), o Dr. Alberto Silva, então Governador do Estado, colocou a pé de cal no agonizante futebol de nossa terra, tal como a realidade o tem mostrado. Inclusive porque, assim agindo, foi injusto para com outros grandes e igualmente tradicionais clubes parnaibanos, como o Flamengo, o Fluminense, o Paissandu, o Ferroviário e o Guarani, que mereciam também ajuda. Então, repito, dando o estádio para o Parnaíba, o Dr. Alberto acabou de sufocar o nosso futebol, que hoje não é, sequer, sombra do passado.

**INOVAÇÃO** — Como o Parnaíba matou o futebol da cidade...

**JMMB** — Sim. Porque o Parnaíba deixou de disputar o campeonato local, para integrar-se ao estadual. Ou seja, aliás, nunca fez nada seguro. Essa, acho, é uma das coisas que têm

contribuído para que as gerações novas se acostumem, desde pequenas, a não protestar contra as injustiças, a aceitar atitudes como aquela, absurda, sem dúvida. Ora, se agrêmiações tradicionais no nosso esporte foram assim marginalizadas, fechou-se de um só golpe a cortina de um passado que só nos honra, ocultando-o da vista das novas gerações, de forma que é muito compreensível que, para estas, nenhum interesse ele desperte.

**INOVAÇÃO** — Presentemente, o parnaibano não usufrui de um teatro, de livrarias, de bibliotecas... Até que ponto você acha que o poder público deveria dar assistência à população, nesse sentido? Seria ele o responsável?

**JMMB** — É obrigação do Poder Público promover tais coisas, incentivar a cultura, fazendo-o com sinceridade de propósitos, pois, como dizia Confúcio, a sinceridade deve estar sempre presente no coração das pessoas. Contudo, até o momento tal norma não tem sido seguida, eis que, entre outras, as promoções culturais não têm levado a nada (e não falo do presente: o problema é muito antigo). Veja, por exemplo, o caso da Biblioteca Municipal: criada para ser uma fonte de consultas e lazer, assim como, naturalmente, um repositório da história escrita da cidade, está defasada por completo, em relação ao que era nos meus tempos de estudante, quando lá eu passava horas e horas, lendo. Havia nela as coleções mais importantes, como as de Machado de Assis, Humberto de Campos, Eça de Queiroz, etc. Hoje, se a gente tenta obter alguma informação sobre qualquer assunto, o futebol parnaibano, por exemplo, nada consegue. Nem mesmo os jornais mais antigos, como o "Norte", que foi excelente para o seu tempo e de que era diretor o Raul Primo, homem muito combativo e combatido, um pioneiro, se encontra. Ele fez, aliás, um jornal que dificilmente voltaremos a ter, especialmente se consideradas as circunstâncias da época e os recursos gráficos de então. Nem da "Tribuna", do Epaminondas Castelo Branco, temível órgão político, há na Biblioteca nem um exemplar. Isso expressa, sem dúvida, uma lamentável falta de cuidado do Poder Público, é inegável. É possível que alguns particulares tenham coleções, mas, mortos, dificilmente se as consegue das famílias. E o pior que tais arquivos terminam irremediavelmente destruídos pelo tempo, como parece estar acontecendo com antigos números de o "Sumário", que há muito venho tentando obter, sem sucesso.

**INOVAÇÃO** — Quem tem um arquivo muito bom é o Antônio de Souza, que, inclusive foi Deputado Federal.

**JMMB** — Antigamente, em época de política, de futebol, saíam uns boletins grandes, bem impressos e me disseram que o Jaime Resende teria tais coleções. Fui à viúva dele, mas não tinha. Por ali bem poderíamos ter uma idéia de como corriam as coisas em Parnaíba.

**INOVAÇÃO** — Já na atual administração municipal surgiu o Movimento Pró-Teatro, que conseguiu aglutinar jovens das diversas camadas em torno da reivindicação de um Teatro no antigo Mercado de Frutas. Depois de manifestações públicas, boletins, a Prefeitura, em nota oficial, disse que ali seria um Centro Artesanal, porque o povo estaria precisando de alimento, não de diversão.

**JMMB** — Isso aí é uma visão muito reduzida das coisas. A idéia é a de que só do pão vive o homem. Então, você só vive de alimentação para o corpo físico? E para a mente, para o desenvolvimento cultural? Isto aí é uma bobagem! A evolução de Parnaíba vai se fazer num prazo muito longo, por coisas assim. Estou fora da cidade há dezoito anos e, sempre que volto, o nível é o mesmo. É a visão circunscrita em tudo. Não se vê uma iniciativa mais aberta. Faz-se alguma coisa até certo ponto. Quando se chega ali, esbarra-se no preconceito, na limitação oriunda da visão burguesa. E pronto.

**INOVAÇÃO** — Você não acha que essa realidade vem a se transformar, sempre, a partir do momento em que se constitui um po-

der político novo, sem a participação desse pessoal que vivem atuando na política há décadas?

**JMMB** — Não encaro a coisa por esse aspecto, embora admita que ele possa ter uma certa influência, pois parece-me que somente a política não vai solucionar o problema, o que vai depender, e muito, da aquisição de vivência por parte das pessoas, especialmente das que exercem cargos de influência na vida do Município. Acho que a reciclagem delas é coisa absolutamente indispensável e não proporcionada por quem se deixa ficar em Parnaíba, alienado do que vai nas grandes urbes, o que faz com que, raramente, alguma iniciativa satisfatória ao interesse popular se tome.

**INOVAÇÃO** — Como você vê o jornalismo hoje, comparado com o de sua época? Houve alguma diferença ou continua naquele mesmo esquema?

**JMMB** — Infelizmente, continua naquela de cada jornal obedecer a uma orientação política. Os jornais de Parnaíba não são noticiosos.

**INOVAÇÃO** — Os jornais são altamente de crônica social. Notícias, realmente, não trazem nada para a cidade. Você acompanha esses jornais?

**JMMB** — A função precípua do jornal é informar. O editorial é o lugar exato para opinar. Quanto a isso, os jornais de Parnaíba, infelizmente, são fracos.

**INOVAÇÃO** — Por que não acataram a idéia de falar com as pessoas que sugeriu, para escreverem sobre a história da cidade?

**JMMB** — Não há interesse pela história anterior. Cuida-se muito do atual, quando, na verdade, o que ocorre hoje é uma consequência do verificado ontem. O presente é uma projeção do passado, mas parecemos não entender a importância disso, a de que o próprio jornal viria, no futuro, a ser consultado como fonte de informação, o que lhe daria uma maior projeção. Daqui a trinta anos você tem de ir a "Inovação", à "A Libertação", à "Folha do Litoral", para saber o ocorrido em Parnaíba, naquele tempo. Até mesmo quem queira escrever livros sobre a história de Parnaíba, não terá fonte. Há um vazio que, a persistir esta situação, jamais será preenchido. Se, por exemplo, eu nunca vier a referir fatos presenciados nos anos da Ditadura, em Parnaíba, muitos jamais deles terão conhecimentos. Se você deseja fazer uma abordagem sobre a personalidade e o comportamento de determinado governante, não tem condições amplas de fazê-lo, porque só há a versão oficial, e essa, por ser escrita pelos vencedores, como diz o Chico Buarque, não conta.

**INOVAÇÃO** — Desses fatos curiosos que viu, quais os que lhe marcaram?

**JMMB** — Por consequência mesmo da situação vivida então, a da Ditadura, o que predominava era a violência, a impotência, o desrespeito à pessoa humana. Mandava — e como! — quem estava de cima.

**INOVAÇÃO** — Qual o Prefeito da época?

**JMMB** — O Dr. Mirocles Campos Veras, que pessoalmente era bom cidadão, médico muito caridoso, humanitário, mas que, por injunções do cargo, deixava muita coisa correr frouxa. Havia um delegado de polícia, de cujo nome não me lembro, sujeito truculento e que mandava baixar o pau sem piedade, um Filinto Muller mirim, o que era típico da Ditadura. Diziam ter cometido muitas atrocidades. Naquele tempo os jornais nada publicavam a respeito, como em época bem recente. Presenciei um espancamento público, por integrante do Governo Municipal, que ficou naquilo mesmo, além das escoriações na vítima, é claro...

**INOVAÇÃO** — O parnaibano vive sonhando com porto de mar, recuperação da navegabilidade do rio Parnaíba, aviões pousando em seu aeroporto, trem ligando nossa cidade a outras regiões... Como o povo poderia contribuir para conscientizar e lutar político para se alcançarem esses objetivos?

**JMMB** — Acho que a maneira será pressio-

# A Educadora sempre foi dirigida pela direita

nar os políticos, pois são eles que, quando desejam os votos, procuram o povo. Então, quando o povo os elege, tem o inalienável direito de pressioná-los a trabalharem pelas causas que deviam defender independentemente de coações.

**INOVAÇÃO** — Houve o movimento pelas diretas. Muitos deputados piauienses votaram contra as diretas e provavelmente se reelegerão. Você não acha impossível viabilizar qualquer movimento popular objetivando a consolidação econômica da cidade, já que nem em relação a esse movimento das diretas o povo se conscientizou?

**JMMB** — Penso o seguinte: ao deputado que foi contra as diretas-já, antes de a gente dar o voto deve pensar bem, porque quem se colocou contra uma justa aspiração popular não deve representar o povo. Essa é uma das razões de eu não gostar de política, aliada de que, mudando de partido, os políticos mudam, invariavelmente, de opinião sobre o que consideravam certo e errado.

**INOVAÇÃO** — Você não acha que tal comportamento da classe política vem em função da falta de fiscalização do povo à sua atividade?

**JMMB** — Claro que sim.

**INOVAÇÃO** — Qual a sua opinião pessoal com relação a coligação Alberto—Lucídio?

**JMMB** — O que tenho lido nos jornais, antes, é que não eram amigos, mas o contrário, e até o segundo andou ameaçando fisicamente o primeiro. Fico por aí, porque não reputo a política, especialmente a do Piauí, merecedora de maiores comentários.

**INOVAÇÃO** — Parnaíba vem se descaracterizando em todos os sentidos. Começando pelo cultural até ao da denominação dos bairros. O Macacal hoje é o Bairro de Fátima; os Tucuns, São José; a Guarita, São Francisco, e vai por aí fora. A cidade perde um lado histórico marcante, em função da Igreja, junto com isso os meios de comunicação. Você sente isso?

**JMMB** — Devo esclarecer o seguinte: não tenho religião, embora respeite todas, como pessoa civilizada que me considero. Acho, contudo, o fato de serem tais denominações adotadas um sintoma de atraso e uma violência contra as demais crenças ou credos, pois, se pode atribuir nomes de santos às ruas, e avenidas e praças, pode-se-lhe, igualmente, fazê-lo com os de entidades, de dirigentes ou de expressivas figuras de outras opções religiosas, com o que se estaria preservando além da equidade, o respeito às crenças da maioria do povo, que, contrariamente à verdade de certas estatísticas, não é, como se apregoa, católica romana, pois, grande parte dos assim conceituados, cultuam outras religiões, embora declarem o contrário, muitas vezes para poderem matricular os filhos em estabelecimentos de orientação católica. Naquela estatística haverá, por certo, os que, nascidos e criados sob tal orientação, a abandonaram tão logo puderam fazê-lo, como eu. Parece-me, assim, descaracterizante e injusta a colocação de Nomes de santos em logradouros públicos, em detrimento, inclusive, da memória dos que trabalharam pela cidade.

**INOVAÇÃO** — Na Guarita só moravam pessoas pobres, que foram se juntando ao lado da Guarita. Realmente existia uma Guarita, que era da Estrada de Ferro...

**JMMB** — Era um monumento que não devia ter sido destruído, porque é da História de Parnaíba. Era um dos monumentos da cidade, que deveria ter sido preservado. A Casa Grande, de Simplício Dias, foi grandemente modificada. O prédio da Booth é outro com o qual não deveriam ter mexido. Foi uma das mais antigas Companhias de Navegação de Parnaíba, a Booth Line.

**INOVAÇÃO** — Como é que você vê aquele problema de Parnaíba, que a gente sente quando vai lá, dos médicos alopatas, que operam todo mundo? Todo mundo em Parnaíba é operado?

**JMMB** — Como adepto da Naturopatia, sei que esse problema não é só de Parnaíba, é nacional. Em qualquer parte, podendo operar, eles nunca dispensam. Agora, dentro da teoria e da prática naturalista, sei do seguinte: salvo em casos extremos, mas extre-

mos mesmo, a operação não se justifica. Acho que o corpo da gente, por ser uno, não comporta o uso de bisturi, salvo, como disse, em casos extremos. O traumatismo — e a cirurgia é um traumatismo — preside a Alopatria, cujos exames o são, indesejavelmente. A laparotomia exploratória feita no falecido Tancredo Neves é um belo exemplo. A cirurgia, na grande maioria dos casos, é evitável, tal como aconteceu comigo mesmo, que me curei através da Medicina Natural.

**INOVAÇÃO** — Na época em que viveu em Parnaíba, quais as figuras folclóricas que mais despertavam a atenção popular?

**JMMB** — Algumas delas focalizei nas "Imagens" que escrevia para os jornais de Parnaíba, de vez em quando. O "Cabelo Duro" foi um índio, muito valente, quase sem força física, excelente pessoa quando sóbrio, tornava-se petulante e provocativo quando alcoolizado, e muito macho. Apanhava como o diabo, mas nunca desistia da briga e aí daquele em quem se atracasse com os dentes: só largava levando um pedaço. Havia o Derossy Vieira, muito popular, orador dos melhores, também pessoa muito tratável e de coração grande, muito chegado a mulher. Exímio dançarino, era rei nos bailes. O "Chico Galinha", pau pra toda obra, com eventuais fumaças de filósofo. No futebol, o "Calebre", um torcedor muito especial, engraçado, irreverente, usava um chapélio e, postado na geral, destruiu ou consolidou a reputação de muito jogador, mercê dos seus gritos de debocho ou aplausos. A "Prefeita" Hosana igualmente pessoa inofensiva, de uma serenidade triste. Quando Zealexandre foi eleito Prefeito dizem que ela ter-lhe-ia dado uma bronca, alegando que ele lhe teria usurpado o cargo, para o qual, dizia, havia sido eleita. Compreensivo, ele mandou dar-lhe uma mesa, na Prefeitura, onde ela "despachava" todo dia. A "Maria das Ca-

**INOVAÇÃO** — Se convidado, aceitará participar da Academia Parnaibana de Letras? **JMMB** — Acredito que nem seja convidado, porque, ao que suponho — não sei, realmente, se esse é o regulamento — lá só entra, além dos fundadores, quem tenha obra publicada, que não é o meu caso. Além disso, as Academias me soam mais como clubes sociais, de maneira que não vejo, em pertencer a elas, nenhum sentido.

**INOVAÇÃO** — Como vê uma Academia de Letras, numa cidade sem Letras?

**JMMB** — Pode existir, pois há casos em que uma coisa não decorre da outra como no da APL, que foi, indubitavelmente, uma consequência do enorme amor que o Zepineiro tinha por tudo quanto falava de Parnaíba, um aspecto muito bom do caráter dele. Foi uma maneira que encontrou de divulgar, mais ainda, o nome da nossa terra.

**INOVAÇÃO** — Nós dispomos de um Campus Universitário. Qual seria, na sua opinião, o elo de ligação entre este e a comunidade, já que há uma carência generalizada em todos os setores de atividades?

**JMMB** — Um Campus é um lugar propício para o desenvolvimento, não só cultural, como para debate franco dos problemas da região e que deveria estar mais voltado a essa busca de soluções do que, somente, para a formação de pessoas, pura e simplesmente.

**INOVAÇÃO** — Aquela Faculdade de Parnaíba é, praticamente, dispensável, no tocante aos cursos que oferece. Não seria mais lógico e racional se ter uma escola agrícola, de pesca ou de alguma coisa que dissesse diretamente à cidade, que formasse as pessoas e estas servissem ao crescimento da cidade? O que se está fazendo com os técnicos de Parnaíba?

## Não vejo razão para colocarem nome de santo em bairro

bras", agressiva e violenta em face do apelido, não o era se lhe respeitavam o viver. O "Caburé", também capaz de ragir desagradavelmente, quando provocado. Todos, evidentemente vítimas dos preconceitos e desdiferenças sociais, responsáveis por uma decisão tomada, um dia, qual a de expulsar da cidade os pedintes e os pederastas, isso acho que no ano de 1940.

**INOVAÇÃO** — Isso, por decisão de quem?

**JMMB** — Do tal delegado, um mulato, forte. Então, pegaram essas pessoas e mandaram recolher à delegacia. O povo soube e acorreu ao local. Você sabe como eram, e ainda são, encarados os homossexuais: um tipo que deve ser execrado, humilhado, esquecendo-se a sua condição de espírito em provas, a expiar um carma decorrente de débitos em vidas anteriores. Levaram o pessoal para o caminho que o esperava, mas a maioria recuava, não queria ir. O mais difícil de trazer foi o "Caburé", que puxava de uma perna e, zangado, usava a muleta para se defender. Afinal, colocaram-no, na marra, no veículo, apesar do seu protesto pela companhia que lhe davam. Então, a turma, para mexer com ele, o recriminava: "Mas Caburé, você ein? Não pensávamos que você fosse...", ao que ele retrucava: "Eu não sou, não! Vou, mas não sou!" E ainda quando o caminho se afastava, ele gritava: "Vou, mas não sou!" Outro tipo popular, o João Ventura. Aposentado, vivia de toalha branca ao pescoço, dando conta, irreverentemente, da vida de todo mundo. Coitado de quem bancava o importante em sua presença: era logo desmascarado, posto a nu. Dele diziam que, quando morresse, a língua iria num caixão grande e o corpo numa caixa de fósforos. E ele dava risadas escancaradas.

**INOVAÇÃO** — Qual o destino desse pessoal? **JMMB** — Os "exportados", acho que voltaram algum tempo depois, pois a providência foi, acredito, para satisfazer à "moral" da elite. Creio que a maioria morreu, se não todos.

**JMMB** — Acho que, realmente, seria muito interessante pôr-se lá uma Faculdade com tais finalidades, em que, pelo menos se desenvolvesse a agricultura.

**INOVAÇÃO** — Como é que você vê a mentalidade dos administradores públicos que Parnaíba já teve?

**JMMB** — Não sei se foram bem intencionados, ou não. A verdade é que, em termos de satisfazerem aos anseios da Parnaíba, não têm obtido êxito. Isso eu estou dizendo sem nenhum objetivo que não o de constatar uma realidade, até porque, com alguns deles, mantive e mantenho relações de amizade. Na minha opinião, tal fracasso se deve à crônica falta de planejamento, companheira fiel de todas aquelas administrações, como a determinados compromissos assumidos à época da campanha eleitoral, em virtude dos quais a escolha dos auxiliares sai sensivelmente prejudicada, quase sempre. Essa falta de planejamento, por exemplo, faz com que não sejam escolhidos as prioridades, nas quais o mais das vezes figuram obras perfeitamente adiáveis, em detrimento de outras básicas, como, por exemplo, o da colocação de rede de esgotos. Acho que o prefeito que optasse por esta teria o voto certo da grande maioria da população, consagrando-se. Haveria, evidentemente, de ter de lutar contra sujeitos que pensam como aquele jornalista que me disse ser impossível a colocação de esgotos em Parnaíba, por ser o nível da cidade mais baixo do que o do rio. E caberia a pergunta: e a Holanda, também não tem o seu território em tal situação? E tem esgotos, claro. Logo...

**INOVAÇÃO** — Você nunca viu um governo popular, mas populistas?

**JMMB** — Popular, não. Os que conheci foram de gente da elite ou lá colocados por ela, a representá-la.

**INOVAÇÃO** — Você acha que, através desse tipo sucessivo de governos da direita, isso contribui para Parnaíba ser hoje uma cidade com um número crescente de marginaliza-

dos, como prostitutas, pedintes... Esse tipo de cultuação do poder, do poder estar desligado do povo, se credite e isso?

**JMMB** — Necessariamente, não. O governante de direita pode ser pessoa de visão e estabelecer um plano de governo, e estabelecer prioridades e, entre elas, como uma das mais importantes, a social.

**INOVAÇÃO** — Para a alimentação se precisa, basicamente, de dinheiro?

**JMMB** — Nem sempre. Em vez de o governo gastar dinheiro com hospitais, melhor seria ensinar ao povo, através de campanhas marciais, como se alimentar melhor, o que evitaria as doenças. A alimentação correta é básica para a saúde. Poderia, por exemplo, criar campanhas estimulando — não obrigando — as pessoas a plantarem uma horta em cada espaço de que dispusessem, o que lhes daria vegetais sem agrotóxicos e baratearia a sua alimentação. Infelizmente, ainda perdura em Parnaíba, como em quase todo o país, a mentalidade de que comer custa dinheiro, conclusão muito sem base, e que depende do que você mete na cabeça, pois, na vida, tudo depende de como encaramos as coisas. "Inovação", inclusive, bem poderia divulgar essa idéia da horta comunitária...

**INOVAÇÃO** — Mas a mentalidade atual é explorar o turismo, como viabilidade econômica e como fator de se dar mais empregos. Daí os investimentos na área de embelezamento da cidade.

**JMMB** — Sem dúvida, o turismo é uma das saídas. Mas não creio seja tão importante, a ponto de afogar outras iniciativas. Tem de ser bem dirigido.

**INOVAÇÃO** — Por exemplo, antes de se construir avenidas e de se urbanizar a cidade, não seria prioritária a construção de hotéis e a de infra-estrutura capaz de receber turistas?

**JMMB** — Como pode o turismo funcionar sem uma infra-estrutura competente? Quer dizer: você é convidado a conhecer as belezas de Parnaíba e chega lá vai ficar hospedado onde? E vai comer onde? Há, por exemplo, turistas que são vegetarianos e, nesse caso, vai comer onde? Há, pois, que atentar para essas falhas, como as quais o turismo não combina.

**INOVAÇÃO** — E o aeroporto?

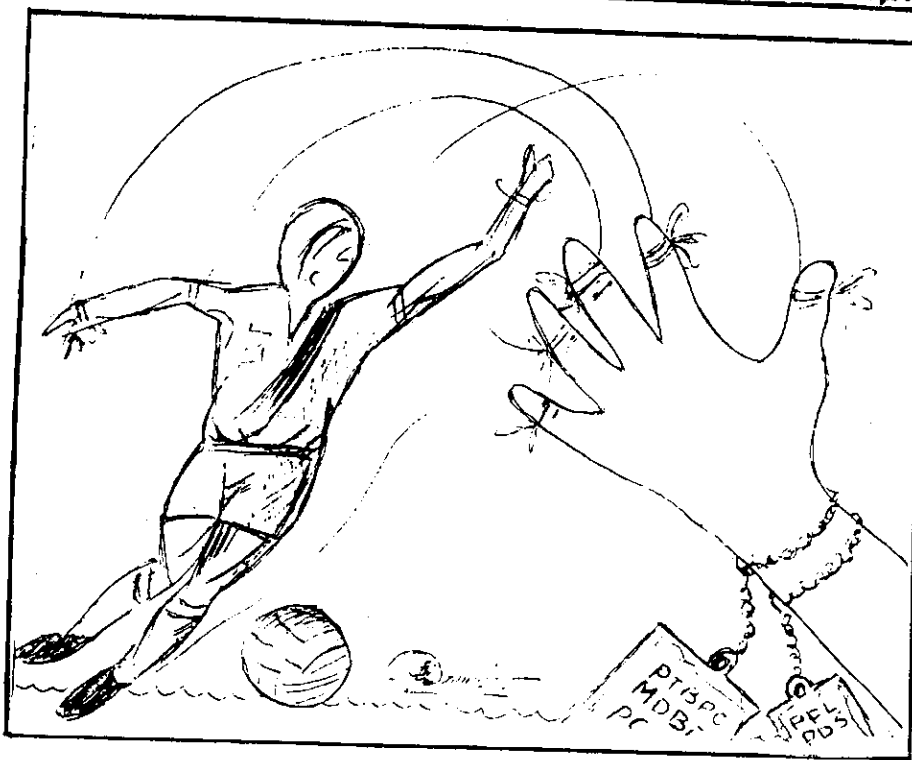
**JMMB** — É detalhe importantíssimo, esse, pois afinal não é possível turismo feito somente em ônibus, não é mesmo? E por que, até hoje ninguém consegue reativar o aeroporto de Parnaíba? Com a palavra os governantes da terra...

**INOVAÇÃO** — Pode ser por falta de unidade das lideranças políticas em torno dos problemas da cidade.

**JMMB** — Esse, aliás, é problema antigo e, ao que parece, para muitos anos do futuro.

**INOVAÇÃO** — No momento há a unidade política. Mas unidade política eleitoreira, no aspecto de cada um se eleger, não no sentido de se unirem para resolver os problemas.

**JMMB** — O que há é o seguinte: se você não for do meu partido, eu nunca apoiarei um projeto seu, mesmo que em benefício da nossa terra, porque não sou bobo de pôr azeitona na sua empada, não é mesmo? Daí...



# OPINIÃO DE UM BURGUESINHO BABACA

Anand Rao

Sou alto, gordo, mfope, Burguesinho babaca (materialmente), compositor, escritor, jornalista, egocêntrico, e tenho 24 anos, carteira de identidade (há muito tempo), título de eleitor (sem uso), certificado de reserva e garanto que, se houver uma guerra, serei um desertor, pois sou contra essa forma insana de expressão.

Venho agora, no momento em que o Brasil perde a Copa por sua cartolagem e politicagem, escrever este texto para **INOVAÇÃO**. O tema que será tratado em poucas linhas é o da corrupção do eleitor brasileiro, ou seja, do eleitor como o maior corrupto de uma eleição. Explicaremos o fato, com dignidade, já que o leitor está sendo considerado por esse mero burguesinho babaca, um corrupto.

Consideremos que, quando uma pessoa se candidata a algum cargo eletivo, é obrigado muitas vezes a fazer determinadas concessões, coligações que o indicarem como nato corrupto para a comunidade que o elegeu. Mas, infelizmente, esquecemo-nos que o eleitor para conceder seu voto a um determinado candidato recebe alguma coisa em troca, quer seja camisa para seu time de futebol, dentadura nova, leite, pão... qualquer coisa. Analisando o sentido da palavra "corrupção" julgamos que todo homem tem seu preço, pois todos se baseiam em seu caráter, atitudes, etc.

Em conversas de bar sempre denfii a posição de que todo homem tem seu preço. São raros os seres humanos, mesmo os intelectuais, com quem convivi, que acenam o fato de que são corruptos.

Quando afirmo que todo candidato é corrupto, é que, de uma forma ou de outra, ou se corrompe, ou tenta corromper. Geralmente mudam muito de partido visando um melhor retorno neste ou naquele. É tris-

te comprovarmos esse fato, o que nos leva a votar eternamente em branco. Mas não, isto não é sábio, o negócio é você, como eleitor, jogar o mesmo jogo, ou seja, troca-troca. Torne-se um corrupto, tenha o preço do seu voto estipulado e nunca se esqueça, se outro partido te oferecer coisa melhor, mude para o mesmo.

Pôxa, essa matéria é bastante realista, basta você refletir um pouco. A vontade que me dá é o suicídio. De repente, parece que sou um burguesinho babaca apenas sob o ponto de vista material; espiritualmente, não. Constatei tal fato, há cerca de oito anos, e minha vida tem sido uma eterna tristeza quando chega a época das eleições. Mas chega de baboseiras sentimentais. Sejamos materialistas, corruptos...

Para os psicólogos, tenho 24 anos, tive uma adolescência perturbada, mas, acima de tudo, "pemso e estou vivo".

Paz e Amor, bemcrazy, bem hippie, bem triste, mas sem pensar que o Araquem faz a cabeça do povo brasileiro ou que José Sarney, antigo presidente do PDS, é agora o salvador do nosso país.

Por fim, um beijo, porque não dizer um soco Muito grande na gatinha do Furno, que devolverá gradualmente a restituição do Imposto da Renda, sem juros e sem correção monetária em possivelmente quatro anos. Hoje, se você se acha um vencedor por possuir um menor imposto retido na fonte, prepare a caderneta de poupança pomposa para o próximo ano para o pagamento de uma dívida junto ao Leão, ou seja, piu-piu, gatinhal

Grande beijo, grande abraço, pra você, leitor. Não sei se teremos outra oportunidade de anos sentir, mas, sei que sinto-me emocionado por ter podido publicar este texto para apreciação da "sui generis" Parnaíba.

**ELAL**

Eletricidade e Assessoria Ltda.  
Rua São Vicente de Paulo, 162  
Tel.: 322.3530  
Parnaíba - Piauí

Pça. Cel. Jonas, 271  
Tel.: 322.1862

**Filiais**

R. Humberto de Campos, 442

Tel.: 322.1863

R. Dr. Fco. Correia, 684

Tel.: 322.1689

R. Alm. Gervásio Sampaio, 827

Av. Princesa Izabel, 1050

Tel.: 322.1844

**FARMÁCIA IRACEMA**

Francisco de Assis Cajubá de Brito & Cia. Ltda.

CANTO DA VIDA

# Ratificando razões

Naréndranath

Começamos em "A Libertação", jornal em que, por algumas edições, expusemos estas nossas idéias.

Agora, aproveitando o espaço que nos cede "Inovação", prosseguimos a tentar divulgar o possível sobre o esforço, que já se espalha por quase todo o Mundo, de retorno aos caminhos do viver em harmonia com a Natureza.

Assim, pois, e reconhecendo o papel das Medicinas Alternativas no restabelecimento do equilíbrio energético do nosso corpo, isto é, da saúde (convencimento a que chegamos menos pelas leituras do que por experiência pessoal), a elas dedicaremos boa parte do que aqui registrarmos.

Mas não ficaremos nisso, que a Vida é feita de muitas e diversas verdades, suscitando o estudo, o debate e a meditação.

Daí porque abordaremos, por exemplo, as civilizações desaparecidas, esses exemplos de vida dos que nos antecederam na passagem por este Planeta, e cujas origens (perdidas embora na poeira dos séculos) nos trazem a certeza do movimento eterno da Roda do Tempo, expresso no ciclo nascer-viver-morrer-renascer.

Enfocaremos, igualmente, as relações interestelares, hoje mais do que nunca discutidas com a invasão do nosso espaço pelos denominados objetos voadores não identificados, à qual muitos relutam em se render.

As pirâmides, marcos seculares plantados (quem poderá dizer que não?) certamente por inteligências de outros Mundos, executores de cósmicas determinações, terão a sua vez aqui.

As cada vez mais ampliadas descobertas dos poderes (alguns ainda sequer sonhados) da Mente humana terão por cá lugar certo, dada a sua imensa importância.

Procuraremos, enfim, mostrar não ser tão difícil viver na simplicidade, sem as imensas dificuldades que, a cada momento, criamos para nós mesmos, e usufruir toda a beleza da Vida, suavizando, paralelamente, pela sua aceitação corajosa, os naturais óbices do caminho, de maneira a facilitar os próximos passos da jornada rumo à Luz, que empreendemos todos, infalivelmente.

E que nos seja possível, ao termo desta etapa, proceder como recomenda o grande e solitário poeta Thiago de Mello, no artigo 13 dos seus belíssimos "Estatutos do Homem": "...cantar a festa do dia que chegou!"

Voltaremos a nos encontrar.  
Saúde e Paz.

## PoeMitos de Parnaíba

Elmar Carvalho

BERNARDO CARRANCA



Bernardo Carranca com sua carranca de artesanato artefato — mas não arte de fato — de cantor/ator à toa atropela uma música com seus gemidos e grunhidos e ganidos. E canta: "De noite eu rolo na cama..." E sai rolando e se contorcendo e se retorcendo pelo salão por entre mesas e pelo chão — bailarino de moia sem molejo de cintura — criador e criatura de sua própria "loucura".

ZÉ BISPO

O "millionário" Paulo Afonso coiceou com um seco não o boêmio e compositor Zé Bispo, quando este lhe foi dar um filho como afilhado. Bispo, numa música em que dizia que o Deus do "millionário" era o mesmo seu e que o ouro dele não o levaria ao céu, sua branda mágoa de protesto nas placas de bronze do tempo lavrou. O ouro de Paulo Afonso como o orgulho e a soberba pelo ralo do tempo se foi. A música de Zé Bispo cantando na boca do povo é folha/verde/viva que a voragem do vento do tempo não levou.

MÁRIO REIS

Vulgo Mário Bola, tinha a graça de um tatu bola. Orfeu de novos carnavais carregava o encantamento dos sopros (marfimos) que transformava em música em seu realejo: caixa de mágico som. Entre a música e a fofoca uma piada de permeio

SÉRIE: HUMBERTO DE CAMPOS

# Luta por um ideal

S. Genuína

"Poeira leve, a vibrar as moléculas: poeira  
Que um pobre sonhador à luz da Arte, risonho,  
Busca fazer faiscar: pó, que se ergue a carreira  
Do Mazepa do Amor pela estepe do Sonho."

Toda a luta pela empolgação na arte de escrever, de saber, de subir aos cumes onde a luz resplandece como uma auréola na frente do homem, tudo isto marcou os 48 anos de vida laborante do nosso conhecido Humberto de Campos. 1886/1986 — centenário que Parnaíba precisa comemorar com galhardia, não essencialmente, para lembrar um passado, mas sim, para alertar uma geração presente. Alertar para um encontro consigo mesmo, para buscar na luta, na raça, a vitória pela concretização dos próprios ideais.

Humberto de Campos cujo centenário se comemora em dezembro próximo, trazia em seu sangue a ânsia constante do saber, do crescer, da atuação positiva nos meios literários. E para isto, batalhou a vida toda. Partindo de uma infância pobre, tornou-se um membro da Academia Brasileira de Letras e militante dos meios literários como poeta, contista, crítico, novelista e cronista. Publicou quarenta volumes, afóra os artigos em jornais e revistas.

No livro "O Monstro", Humberto de Campos mostra seu enorme poder criativo. Enfoca a morte com tanta naturalidade que a torna uma consequência necessária. São contos os mais variados onde o autor procura mostrar através do regionalismo, os vários dissabores que enfrenta o povo carente dos sertões nordestinos, da selva amazônica ou ainda do fugitivo da cidade grande. O monstro é o próprio homem modelado em barro e água pela morte e pela dor, ambas querendo imitar o Criador de toda esta bela natureza, conseguem nada mais do que plagiar da obra da criação, um "bicho desconhecido". Disputando, ao final, "a primazia da criação do abantesma", cobram a matéria que usaram. E assim, a dor retira a sua parte, ficando a morte com o monte de lama, tomou-o nos ombros, e partiu..."

Humberto de Campos prima neste seu livro, pela metáfora: "Na quietude daquela hora de assombros, afugentando ou convocando os demônios da terra, coaxavam os sepos, martelando, monótonos, na bigorna do silêncio." E mais: "... onde os batráquios batiam, talvez, a couraça de ouro do sol". Tudo isto embeleza a escrita, tornando-se rica de sentido.

É interessante ver nos contos de "O Monstro", toda a afinidade que Humberto de Campos demonstra possuir, com a dor, a sua sensibilidade somada à criatividade na arte de escrever. Conhecedor dos mistérios e dos problemas do sofrimento humano, faz do drama enfocado, uma poeira de arte que o vento da ilusão faz acreditar no Amor e no Sonho.



# Casamento de arromba

Paulinho Mandacaru

A cidade-verde amanheceu num verdadeiro alvoroço. Parecia os bancos no dia seguinte à decretação do pacote econômico do governo. Também não era pra menos. A cidade fora despertada de sua eterna sonolência com a notícia do casamento de Alberto Coração de Todos com Lucidia Chicotada.

A notícia, veiculada pelos meios de comunicação, estourou feito uma bomba. Nem a invasão da Lfiba pelos Estados Unidos provocara tamanha surpresa e apreensão. Era só no que se falava na cidade. Do mercado velho, passado pela periferia da cidade e chegando até o bairro Jockey Club, o assunto era o mesmo.

Os mais informados, entretanto, não chegaram a se surpreender com a notícia. O casamento já era esperado, as negociações vinham se desenrolando há mais de ano, conforme declaração do noivo: "palavra de Lucidia vale mais que nota promissória".

Que o boato existia na cidade, não há como negar. Agora, que o mesmo se tornasse realidade, e de forma tão espalhafatosa, eram outros quinhentos. Até mesmo porque muitos acreditavam ser impossível tal laço matrimonial, entre duas pessoas de temperamentos tão díspares, que, em ocasião não muito remota, tinham-se jurado de morte.

A população da cidade estava dividida sobre a validade do casório. Uma parte concordava plenamente, considerando tratar-se da melhor forma de vingança contra o Hugo Menudo, por este ter abandonado Lucidia logo após as núpcias de 82, a outra parte, porém, não queria ouvir nem falar no assunto, por se sentir traída nos seus ideais oposicionistas, alimentados durante anos.

Os noivos, pouco ligando para as opiniões das pessoas, não perderam tempo. Trataram de marcar a data do casamento e mandar confeccionar os convites. Afinal, queriam uma festa a altura do acordo celebrado. Tudo do bom e melhor, sem nenhuma preocupação com o preço das coisas. Os gastos seriam, com certeza, reembolsados posteriormente, ao longo dos quatro anos, com a ajuda do eleitor e do erário público.

A colunista da cidade, Elvira Língua-de-Trapo, era só no que falava em seu programa de televisão. Chegava, inclusive, num rompante de emoção e exagero, a comparar o brilho de tal acontecimento à eleição de Tancredo Neves—José Bigodinho pelo Colégio Eleitoral, Para não fazer feio na festa de celebração do casamento, tratou de encomendar uma roupa especial: uma sereia, metade PMDB e metade PDS — bem ao estilo do momento.

O tão esperado dia, finalmente, chegou. A Igreja de São Benedito estava toda ornamentada, de acordo com o gosto estético dos dois decoradores contratados: Chagas Pirulito e Miriam Titela. A trabalhadora tinha sido extenuante, mobilizado centenas de pessoas, mas valido a pena. Estava tudo nos seus devidos lugares, inclusive o grupo musical: PAI HERÓI E SEUS CABEÇUDOS".

Às 17 horas, a igreja já estava totalmente lotada. Os repórteres e fotógrafos foram os primeiros a chegar, todos ávidos em registrar os mínimos detalhes. Uma coisa, porém, de imediato, lhes chamou a atenção: a divisão dos assentos em duas alas, uma ocupada pelos representantes do PMDB e a outra pelos do PDS. Linguíça, repórter do Jornal da Noite, ainda tentou esboçar uma pergunta: "Se eles não se juntam nem na igreja, como poderão se juntar na cama?", — mas em vão. Todos, naquele momento, estavam preocupados era com a demora da noiva.

Na primeira fila ficaram os convidados especiais. O noivo tinha conseguido trazer, a fim de demonstrar prestígio e força política, um bom escrete peemedebista, a começar pelo seu capitão-mor, o deputado Ulisses Camarão, ainda se recuperando de uma doença que atinge hoje muitos políticos da Nova República: o mal do conchavo. Ao seu lado, estavam os deputados Pedro Lavoura, Heráclito Pinochet Jr., Pimenta Azeda, o senador Fernando Maconha, os ministros Iris Fraudador, Celso Congelado, os governadores Franco Atirador, Gerson Cascata e Gilberto Metralha. A economista Conceição Taverna também estava presente, derramando-se todinha em lágrimas.

A noiva não fez por menos. Trouxe também o que havia de melhor nos cascos pedessistas: Salim Trombadinha, Amaral Sonrisal, Newton Cavalgadura e Agnaldo Boca de Cantor.

A cena era realmente surrealista. André Breton e Diego Rivera, se vivos fossem, corariam de inveja. Uma verdadeira selva amazônica. Até os PC's disputavam espaço, com os seus estandartes em punho. "Alberto Coração de Todos e Lucidia Chicotada, uní-vos". "Quem sabe faz a hora não espera acontecer". O temor dos presentes era, entretanto, que a disputa terminasse em briga de foice e martelo.

O noivo que aguardava há um certo tempo, começou a se impacientar com a demora de Lucidia. E, mentalmente, passou a matutar algumas preocupações: será que ela vai me deixar plantado aqui, com a cara de otário? ou será que terminou desistindo na última hora, seduzida por uma cantada irresistível do José Raimundo Cabeção?

As dúvidas se avolumavam e feriam o coração daquele apaixonado rapaz quando, finalmente, a noiva adentrou pela igreja, acompanhada pelo padrinho do casamento, o senador Helvídio Nunca Mais, provocando suspiros poéticos e delírios. PAI HERÓI E SEUS CABEÇUDOS, para mostrar serviço e espírito de criatividade, saíram parodiando Chico Buarque:

Batam palmas pra Lucidia  
Joguem rosas na Lucidia  
Ela é boa de acordo  
Ela é boa de eleição  
Ela vai dar pro Alberto  
E deixar o Hugo n'mão.

Alberto Coração de Todos enca-minha-se para receber a noiva, abre-lhe um sorriso 15 de novembro e beija-lhe as mãos, depositando nestes gestos todas as esperanças de vir a se tornar o próximo donatário da Capitania, tornando, assim, seus pesadelos realidade.

A celebração do casamento começa. O padre, num determinado momento, para cumprir os rituais de praxe, indaga aos presentes: "Se tem alguém aqui que tenha algo que impeça o casamento de Alberto Coração de Todos e Lucidia Chicotada, que fale agora ou se cale para sempre." A igreja calou-se num silêncio fúnebre, e todos passaram a entreolharem-se apreensivamente. Os noivos quase não se seguravam em pé, tremiam feito vara verde. O padre faz menção de reiniciar a celebração quando, de repente, de fora da igreja, surge um grupo compacto e decidido de pessoas, empunhando faixas e cartazes, gritando numa só voz: "O povo cansado/Diz não ao cambalacho".

O noivo, enfurecido e revoltado, esbraveja cólerico: "Só faltava agora isso, até aqui a turma do PT vem cagar o pau".

SENADOR — CENSURA

BRASÍLIA — O Senador Alberto Silva (PMDB), candidato ao governo do Piauí, vem sendo criticado pelos seus pares em função das candidaturas de alguns dos seus parentes: João Neto (sobrinho), Marcos Parente (genro) para a Assembleia Legislativa, e Paulo Silva (seu filho) à Constituinte.

Segundo um deputado peemedebista do Piauí, Alberto Silva, que, em seus discursos, sempre combate a oligarquia dos Portelas no Estado, agora muda completamente a retórica, coligando-se com o ex-governador Lucídio Portela (PDS) e lançando candidatos próprios à Assembleia Estadual e Câmara Federal. Para o parlamentar, que preferiu não se identificar, é um absurdo que um candidato ao governo, lance mão de seu cacife político para indicar nomes de sua própria família.



O PROCESSO DE EDUCAR

Sônia C. Alves

O progresso científico e o desenvolvimento tecnológico provocam uma série contínua e progressiva de mudanças que exigem do homem uma necessidade permanente de adaptações e de reorientações. Dentre as novas problemáticas sociais cita-se a mobilidade social e geográfica, a mudança de valores, a rápida defasagem de conhecimentos, a exigência de maior capacitação, a elevação dos níveis de aspiração etc, que põem em prova o homem moderno. Porém, como afirma López (1977), "Os seres humanos, em sua maioria, não estão suficientemente preparados para responder adequadamente às condições e requisitos que exige a complexidade da época contemporânea".

Observa-se ainda que as tradicionais formas de promover o desenvolvimento a longo prazo, que se voltam exclusivamente para a criança e o adolescente, não oferecem condições de produzir as respostas às novas situações, não só, por um lado por sua sua forma seletista e elitista que resulta na marginalização de milhões de futuros adultos, e por outro lado pelo seu sentido livresco, dissociado dos aspectos práticos da vida, mas também pelo seu sentido terminal ao de linha de produção, em que, ao final do processo, dá-se o produto por acabado e definitivamente pronto para distribuição e consumo.

# CAFÉ JOTAMELLO